

A GÊNESE DA EDITORAÇÃO PROTESTANTE NO BRASIL: o circuito de difusão das publicações (1830-1920).

Micheline Reinaux de Vasconcelos ¹

Resumo: O artigo aborda a produção de textos impressos pelos protestantes para e no Brasil ao longo do primeiro século desta atividade (a partir da década de 1830 em diante). Procurou-se identificar os responsáveis – indivíduos e instituições – por tais publicações, bem como as formas de financiamento e distribuição destes impressos. A partir destas informações, é possível apontar que havia um circuito de distribuição e circulação daqueles textos, que envolvia o Brasil e outros países. A partir da pesquisa e análise destas informações, percebeu-se uma tendência à nacionalização da produção e do financiamento das publicações, cuja iniciativa foi paulatinamente assumida pelos brasileiros que aderiram às denominações protestantes.

Palavras-Chave: Protestantismo; Impressos; Brasil Monárquico; Primeira República.

Abstract: This article approaches Protestants' printing press bound for and in Brazil during their first century of missionary work (from 1830s on). Its aim is identify who were in charge of such publications – whether individuals or institutions – and the way by which they were financed and distributed as well. After researching and analyzing such information, we may conclude that there was a tendency to nationalization of production and financing of those publications, whose entrepreneurship was gradually took on by the Brazilians who engaged in Protestant cults.

Keywords: Protestantism; Printing Press; Imperial Brazil; First Republic.

Introdução

A missão protestante no Brasil inicia-se pela distribuição de Bíblias e folhetos, a partir, sobretudo, da década de 1830. Com o aumento da presença missionária no país e a adesão de nacionais ao protestantismo, os protestantes passam a produzir impressos no país, os quais tomaram formas bastante variadas (folhetos, panfletos, livros, revistas, jornais, etc.), sendo destinados à divulgação das crenças protestantes e ao doutrinamento daqueles que aderiram a alguma das denominações presentes no Brasil. Neste artigo, pretende-se elucidar os responsáveis pela produção dos impressos protestantes, no que diz respeito aos centros editoriais e tipográficos, ou seja, um dos pontos do *circuito de comunicação*², bem como as origens dos fundos para aquela produção. Quanto aos produtores dos impressos protestantes, percebe-se que, inicialmente, extrapolavam as fronteiras nacionais e os países de origem das instituições, abrangendo algumas áreas e grupos de língua portuguesa em alguns países.

Ver-se-á, contudo, que à atuação dos grupos e instituições de origem estrangeira vieram juntar-se as iniciativas de grupos brasileiros, que assumiram as tarefas de produzir impressos e angariar recursos para a atividade editorial.

De que forma, porém, os editores buscaram fazer seus impressos chegarem até a população? É o que se pretende responder nas linhas que se seguem. Pois, como argumenta Robert Darnton, *as folhas impressas tinham um longo caminho a percorrer antes de chegar à estante dos leitores*³. Embora se trate de empreendimento mais modesto e desprovido de interesses mercantis, também as publicações protestantes no e para o Brasil oitocentista tinham as vicissitudes típicas de uma produção editorial e deveriam viajar muito, para e pelo Brasil. Portanto, é importante percebermos as estratégias utilizadas para circulação daquela produção. Trata-se então de explicitar as formas de distribuição, destacando-se o papel desempenhado pelos responsáveis pela difusão de publicações protestantes no território nacional, entre os quais se incluíam as sociedades bíblicas, as denominações e a iniciativa particular (de missionários e prosélitos). Estas iniciativas não raro se combinaram e os seus organizadores usaram vários métodos de distribuição, com destaque para os colportores. Cada um destes aspectos será abordado distintamente, uma vez que tais práticas revelam o conjunto das estratégias relevantes para a constituição da cultura impressa protestante no país.

1.1. Centros editoriais e financiamento.

Pela consulta de dezenas de títulos editados e distribuídos pelos protestantes no Brasil, foi possível averiguar os locais nos quais eles eram editados. Constatamos que havia centros de produção localizados fora do país; vários dos títulos distribuídos no Brasil pelos missionários eram editados em Portugal, Estados Unidos e Grã-Bretanha. Essa prática de recorrer-se a tipografias do outro lado do Atlântico, no entanto, não era exclusiva dos missionários protestantes, sendo corrente entre editores laicos:

As editoras brasileiras, na segunda metade do século XIX, quando começou a existir público para a literatura, e ainda bastante limitado, mandavam imprimir no exterior, em Portugal, na França, na Alemanha. Essa norma entrou pelo século XX adentro. A impressão de livros aqui era exceção e não regra⁴.

De acordo com Hallewell, *a razão fundamental da preferência pela impressão europeia era de natureza econômica*. A confecção de livros e outros impressos no

Velho Continente (e nos EUA) apresentava custos menores e qualidade superior à feita no Brasil, mesmo no Rio de Janeiro, graças ao aprimoramento da técnica de impressão, que separou a tipografia de jornais da dos livros em fins da década de 1840. Assim, mesmo arcando com os fretes, era mais vantajoso para os livreiros e editores no Brasil importarem as obras editadas no exterior⁵.

Corroborando essa afirmação, dispomos de várias referências de livros e folhetos distribuídos no Brasil, mas editados em Lisboa, tanto em editoras comerciais, quanto na editora presbiteriana estabelecida em Portugal, como se vê nos seguintes títulos:

- A Bíblia e o povo*. 5^a. ed. Lisboa: Typ.Ferreira de Medeiros, 1900. (Rua da Roza, 9).
A cruz de Miguel Lorio. Lisboa: Typographia e Lithographia de A. E. Barata, 1897.
A pequena Dot. Lisboa: Typ. Moderna, 1895. (rua dos Mouros, 39).
A primeira oração de Jéssica. [Lisboa]: s/n., 1884. (Deposito - Janellas Verdes, 32).
Ferreira de Medeiros, 1907.
O caminho de Deus para a paz. Lisboa: Typ. Luso-Britannica, 1877.
O príncipe da paz. Lisboa: Typ. Eduardo Rosa, rua da Madalena, 31.
O gozo do espírito – fructo do espírito. Lisboa: Typographia de Vicente da Silva & Cia. 1896. R. de S. Mamede, 26.
O casamento e a vida doméstica. Lisboa: Tipografia de Adolpho, Modesto e Cia., 1887. R. Nova do Loureiro, n. 39.
O capitão de navios e seu grumete - Historia Verdadeira. Lisboa: Livraria Evangelica, 1916. (Rua das Janellas Verdes, 32)⁶.

O endereço acima, no último título e em outros, indica o local onde os presbiterianos instalaram sua tipografia em Lisboa, ou seja, na rua das Janelas Verdes. O edifício era um antigo e extinto convento Carmelita, conhecido por Marianos, o qual foi comprado pelos presbiterianos num leilão público, o que, segundo os relatos dos próprios presbiterianos, levantou certa polêmica da parte dos católicos portugueses⁷. Outro estabelecimento que publicava títulos presbiterianos, situado na cidade do Porto, era a *Typographia a Vapor de José da Silva Mendonça* (à rua da Picaria, n. 30)⁸. As publicações, todavia, encontravam-se à venda no mesmo endereço da tipografia dos presbiterianos, ou seja, na rua das Janelas Verdes, n. 28, que também abrigava o *depósito e livraria das Escrituras Sagradas e dos Tratados Religiosos*. Depósito igual funcionava no Porto, na Rua do Almada, n. 268, assim como um outro na Ilha da Madeira, à rua das Pretas, n. 72⁹.

Os folhetos e livros não foram os únicos textos impressos no exterior pelos missionários. Em 1875, passou a circular em Pernambuco o jornal *Salvação de Graça*,

dirigido pelo reverendo presbiteriano J. R. Smith, cujos exemplares foram todos impressos em Lisboa. Pioneiro entre os jornais protestantes do Nordeste, tratava-se de um jornal exclusivamente doutrinário, que durou apenas 12 números, deixando de circular após a morte de seu co-editor, rev. Le Conte¹⁰.

Da mesma forma, alguns livros constituídos de cânticos para uso dos convertidos no Brasil eram editados em outros países. Exemplo disto é *Salmos e Hinos*, o qual, da segunda à quinta edição, todas ampliadas, foram realizadas fora do Brasil: Lisboa (1871), Londres (1873 e 1877), bem como a sexta e a sétima edição, não ampliadas, foram feitas em Edimburgo, em 1879 e 1883¹¹. Existe, ainda, uma versão em três volumes, composta de 608 cânticos, sendo os dois primeiros editados em Edimburgo e o terceiro em Londres¹².

Vários outros folhetos eram editados nos EUA; os folhetos *A segunda vinda de Cristo*, *Vinde como estaes* e *O pai e o filho pródigo*, distribuídos no Brasil, foram editados por *Robert T. Grant*, cujo endereço era *Box 830, Los Angeles, Califórnia*¹³. Da cidade de Nova York, também, vieram várias publicações para o Brasil. As versões da Bíblia usadas para a leitura na escola em Blumenau, por exemplo, uma alemã e outra portuguesa, eram publicadas em Nova York¹⁴. Da mesma cidade vieram os folhetos *Vivo ou morto*, *Os livros apocryphos*, *Mariquinhas ou Deus em tudo*, *A escolha da fé*, *El Sendero perdido*, *O menino da mata e o seu cão Piloto*, *A lembrança do passado*, *Cartilhas com estampas*, *Marcos Steadman ou içai vossa bandeira*, *O caminho da paz*¹⁵.

De Londres, vieram não apenas as Bíblias publicadas e enviadas pela Sociedade Bíblica Britânica e as edições de impressos por Robert Kalley, mas alguns títulos de folhetos, tais como *As Cartas de S. Pedro*, publicadas pela *The Scripture Gift Mission*¹⁶.

No que se refere aos títulos publicados no Brasil, inicialmente, eram editados por gráficas seculares. Alguns textos tinham sua impressão e edição encomendada a editoras comerciais, como a *Tipografia Universal Laemmert*, a segunda mais importante do país ao longo da segunda metade do século XIX e a principal ao final do oitocentos, que foi responsável por editar vários textos protestantes. Esta tipografia, cujos proprietários eram os protestantes Eduardo e Henrique Laemmert, publicou o primeiro número do jornal *Imprensa Evangélica* (1864)¹⁷, cujos exemplares estavam à venda na própria livraria dos Laemmert¹⁸. No entanto, segundo Souza de Matos, estes impressores foram ameaçados, fazendo com que o jornal passasse a ser impresso pela Tipografia

Perseverança¹⁹.

Pouco antes, em 1861, os Laemmert haviam publicado a primeira edição brasileira dos *Salmos e Hinos*, coleção de cânticos protestantes²⁰. Editaram, também, o opúsculo *A minha conversão – revelação de uma senhora á sua amiga catholica*, em 1885. Da lavra de Robert Kalley, publicaram três folhetos versando sobre a Semana Santa, em 1865 e 1866²¹.

Não dispomos de indícios de que tenham os irmãos Laemmert editado por iniciativa própria alguma obra protestante, tendo-o feito atendendo a encomendas. Por sua vez, é de se supor que os missionários protestantes, quando desejavam imprimir suas publicações, procuravam os Laemmert devido à afinidade religiosa que tinham com os mesmos²². Como se vê das datas das publicações citadas logo acima, os Laemmert realizaram outras impressões protestantes após a impressão do primeiro número do jornal *Imprensa Evangélica*. Supõe-se, assim, que as supostas ameaças recebidas nesta data não foram tão sérias que os impedissem de continuar a prestar serviços editoriais aos protestantes.

Além dos Laemmert, vários outros editores, provavelmente por encomenda, publicaram os impressos protestantes em alguns estados do país. Em São Paulo, verificamos os seguintes impressores, estando alguns entre os de maior importância para o mercado editorial da época: Typ. a Vapor de Jorge Seckler, o mais importante editor da cidade ao final do século XIX²³; Weiszflog Irmãos & Cia., que deu origem à Editora Melhoramentos²⁴; Typographia Commercial de H. Rossi & Cia.; Irmãos Ferraz; Typographia Aurora; Typographia de Leroy King Book Walter & Cia.; Typographia de M. Barreto Filho e Octaviano; Typ. Nova Descalvado; Typ. Hennies Irmãos; Estabelecimento Graphico P. M. Higgins & Cia.; a Typ. Levi e, finalmente, na cidade de Campinas, a Typ. de Sihler.

Há menor número de referências de impressos editados em outros estados por impressores comerciais, tais como a Typographia de J. Villeneuve & Cia.²⁵; Typ. Paul Schneider e a Typ. do *Correio Mercantil*²⁶, todas do Rio de Janeiro. Quanto ao Norte e ao Nordeste, encontramos referências aos seguintes impressores: no Pará, a Typ. Fonseca & Filho; na Paraíba, a Litographia, Encadernação e Pautação de Jayme Seixas & Cia.; e, no Maranhão, a Typographia J. A. Almeida & Cia e Tipografia da *Gazeta Caxiense*. No sul, há referência de impressos pela Livraria do Globo, de Porto Alegre; pela Tipografia a vapor Impressora Paranaense, de Curitiba.

As denominações protestantes, com o andamento da atividade confessional, tencionaram não depender apenas da importação das publicações e dispensar o recurso às gráficas e editoras comerciais para imprimirem os títulos utilizados na missão e nas igrejas protestantes. Para tais fins, foram criadas as Casas Publicadoras protestantes, as quais tentavam suprir as necessidades editoriais das suas respectivas denominações.

Segundo relatos dos metodistas, presentes em uma das obras a abordar a história dos metodistas no Brasil²⁷, na tentativa de minimizar as despesas com publicações por meio de gráficas comerciais, aquela denominação resolveu fundar sua própria editora. Em 1894, o missionário J. W. Wolling informava: *conseguimos comprar no dia 18 de abril um bom prelo; e poucos dias mais tarde, todo o material necessário para a montagem da tipografia*²⁸. Os custos para montar a tipografia foram de 10:099\$940. A editora foi estabelecida numa sala alugada no centro de São Paulo²⁹. A Casa Publicadora Metodista foi transferida para o Rio de Janeiro em 1896, aí permanecendo até 1912, quando a sede foi transferida para Juiz de Fora, onde permaneceu até o ano de 1917, quando voltou a ser instalada, novamente, em São Paulo. Conheceu, desde então, o seu melhor período editorial, passando a chamar-se *Imprensa Metodista*³⁰. Como *Imprensa Metodista*, encarregou-se de publicações definidas por faixa etária e por gênero, tais como *A voz missionária* (destinado às mulheres); *Cruz de Malta* e *Flâmula Juvenil* (aos jovens); *Homens em marcha* (aos adultos); a editora publicou, também, títulos encomendados por instituições leigas, como o *Bem-te-vi*, um periódico infantil³¹.

Os missionários batistas estabelecidos na Bahia fundam uma *oficina tipográfica* em 1888, num local onde havia sido um aljube. Também na Bahia, estabeleceu-se uma tipografia em 1893, comprada com uma contribuição no valor de US\$ 1.000 pela Junta de Missões de Richmond³². Por outro lado, a tipografia de Campos, no Rio de Janeiro, foi adquirida por iniciativa exclusiva do pastor Ginsburg, como afirma no seu relatório do ano de 1894: *por esforço particular e sem qualquer auxílio de fóra, montámos uma pequena typographia*³³. Tal relato ressalta a importância que iniciativas particulares, nem sempre amparadas pelas instituições norte-americanas de missão, tiveram na constituição da imprensa protestante no Brasil.

Em 1900, na tentativa de centralizar a atividade de publicação dos batistas, as tipografias acima citadas foram fundidas: de Campos, o pastor Ginsburg manda

uma certa quantidade de folhetos, algumas caixas de tipos e um prelo manual. [Da] Bahia, Taylor, tendo publicado 300.000 folhetos, vende

as propriedades adquiridas ao longo de anos graças às ofertas recebidas de amigos nos Estados Unidos, somadas a doações suas, [...], e entrega o apurado a Entzminger³⁴.

Este foi responsável pelo trabalho de editoração no Rio de Janeiro. Entzminger, então, ergueu nos fundos da Primeira Igreja Batista no Rio de Janeiro, da qual era pastor interino, um *casebre*, no qual estabeleceu o escritório e redação batista³⁵, que constituíram o início da Casa Editora Batista, resultado daquela fusão. Em 1905, utilizando material tipográfico trazido dos Estados Unidos por Entzminger, os batistas montaram uma tipografia, passando a Casa Editora Batista a imprimir os seus textos, dado que antes recorriam à editora presbiteriana e à metodista³⁶.

Os presbiterianos não contaram por várias décadas, no Brasil, com editora de abrangência nacional, como as casas publicadoras dos batistas e a dos metodistas, mas apenas de tipografias. Os impressos que utilizavam no Brasil, após as publicações realizadas pelos missionários pioneiros, deviam-se à editora presbiteriana instalada em Lisboa, à rua das Janelas Verdes, de que já se falou acima. Ainda na década de 1920, eram a Editora Metodista e a Casa Publicadora Batista que supriam os evangélicos com impressos confessionais produzidos no Brasil. Viriam a fundar uma casa publicadora apenas em 1945³⁷.

Uma vez que os principais centros editoriais foram indicados, convém, agora, explicitar os meios aos quais se recorreu para custear as impressões. Assim como às ações pioneiras das instituições protestantes estrangeiras que atuavam na publicação de impressos veio somar-se a iniciativa de indivíduos e grupos brasileiros, também no tocante ao custeio das edições passou a haver um esforço de garantir recursos nacionais para a publicação, à medida que as denominações cresciam em adeptos no país. Para tanto, os editores pretendiam contar com fontes de receita que custeassem as edições. De início, os presbiterianos, ao publicarem o *Imprensa Evangélica*, primeiro jornal protestante do país e da América Latina, contaram com os fundos enviados pela Junta presbiteriana responsável pelo envio dos missionários. Assim, contrataram com a Editora Laemmert a publicação de 400 exemplares³⁸.

Passados os anos, porém, os editores buscaram obter recursos resultantes também da própria editoração no Brasil. Este ponto revela uma certa dificuldade em conciliar a necessidade de receitas para o custeio da editoração e o desejo de não interromper a publicação e distribuição dos impressos, considerados imprescindíveis à missão. Além disso, indica também que os recursos de origem estrangeira não

eram tão volumosos que dispensassem a busca de fundos no Brasil.

Tais dificuldades eram inerentes à estreiteza do mercado editorial em função dos limites do público leitor durante a formação da imprensa no Brasil. Mesmo os grandes editores de então, quando procuram estabelecer uma imprensa e editoração mercantil, que garantissem pela venda ao público os seus ganhos e lucros, enfrentavam os limites do público leitor, como analisaram Marisa Lajolo e Regina Zilberman, ao tratarem do estabelecimento da leitura e da literatura como práticas sociais no Brasil³⁹.

Passadas algumas décadas do início da atuação das instituições missionárias estrangeiras na publicação de impressos difundidos no Brasil, os protestantes brasileiros começaram coletivamente a organizar seus próprios meios de publicação. Além da iniciativa dos diversos editores e autores protestantes durante o período, surgiram grupos de pessoas que compunham juntas nacionais, com o intuito de somar esforços para a publicação de textos protestantes. Com o fim de desenvolver o trabalho de produção e distribuição de impressos de sua denominação, os presbiterianos fundaram no ano de 1883 a *Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos* (SBTE), que tinha como objetivo arrecadar fundos para a publicação, pois segundo Eduardo Carlos Pereira, seu idealizador:

Ninguém, por certo, nega as grandes vantagens de pequenos folhetos na disseminação das verdades religiosas entre o povo. Ora, sendo manifesta a falta, em português, de pequenos tratados que, de uma maneira concisa, clara e edificante, anunciem aos pobres o Evangelho, pareceu-nos de uma conveniência intuitiva a criação de uma sociedade que, [...], pode, todavia, [...], fortalecer-se, de maneira a opor, no futuro, uma barreira eficaz a essa literatura corruptora que alaga infelizmente as diversas camadas de nossa sociedade⁴⁰.

Embora o fundador da SBTE fosse presbiteriano, a importância conferida a esta instituição e outras congêneres para a atividade missionária pode ser atestada por declarações de líderes de outras denominações, como entre os batistas. Um missionário propunha-se, no início do século XX, a *indicar três modos de aproveitar os recursos para evangelização*, entre eles

a disseminação profusa de bíblias e tratados. Todas as igrejas, como todos os crentes, devem contribuir mensalmente para as Sociedades Bíblicas e de Tratados, e comprar a ellas quantidades de exemplares da Lei de Deus para que a Palavra escripta coadjuve a prégação á viva voz em toda parte.⁴¹

Segundo alguns impressos que consultamos, em 1890 a SBTE havia publicado 18 títulos em folhetos, em duas séries⁴². Quando de sua fundação, esses impressos eram realizados pela Typografia a Vapor de Jorge Seckler & Cia. No início da década de 1890, porém, já dispunha a SBTE de uma tipografia própria, o que denota a consolidação da iniciativa de seus organizadores. Na contracapa dos referidos folhetos encontra-se um apelo ao leitor que se sentisse *interessado pela causa do Evangelho que advogamos, e desejar auxilia-la contribuindo para a nossa SOCIEDADE – o poderá fazer, dirigindo-se nesta cidade ao Thesoureiro [...]*⁴³.

Três anos após a fundação da SBTE, surge o *Plano de Missões Nacionais*, encabeçado, uma vez mais, por Eduardo Carlos Pereira, que tinha por objetivo *despertar nas igrejas o senso de responsabilidade pela evangelização através do sustento de obreiros nacionais, contribuindo assim para a maior autonomia da igreja presbiteriana*⁴⁴ do Brasil. Do referido Plano resultou a publicação em 1887, em Minas Gerais, da *Revista das Missões Nacionais*. Este periódico perdurou por mais de trinta anos, apresentando as finanças da denominação presbiteriana do Brasil⁴⁵. Em 1920, já sediada em Campinas, esta publicação passou por uma reformulação, tornando-se um dos órgãos oficiais da Igreja Presbiteriana no Brasil, destinando-se a discutir *os problemas internos da comunidade presbyteriana*⁴⁶.

Estas duas iniciativas, a SBTE e a *Revista de Missões Nacionais*, eram, antes de tudo, destinadas a fomentar e consolidar a autonomia financeira e organizacional dos presbiterianos brasileiros⁴⁷. Neste sentido, a Sociedade do Esforço Cristão (SEC), criada em 1912 para a divulgação da fé protestante no Brasil, também promovia *contribuições entre seus membros para compra de tratados que [eram] distribuídos entre os despertados pela palavra*⁴⁸. Vale ressaltar que em comemoração ao quarto centenário da Reforma Protestante (1917) a SEC distribuiu mil folhetos na capital do Ceará⁴⁹, o que aponta a efetividade de sua atuação.

No ano seguinte à fundação da sociedade acima, outra foi organizada, destinada especificamente à publicação de material impresso: a Sociedade Tipographica Evangélica (STE), fundada em São Paulo, em 1913. Pelos seus estatutos, constata-se a combinação entre a arrecadação de recursos financeiros e a editoração, pois seria considerada constituída a sociedade quando atingisse 100 sócios, cada um tendo contribuído com 10 mensalidades, perfazendo um total em caixa de 1:000\$000, *para a compra do prelo, materiais e outras pequenas despesas*⁵⁰.

No Art. 4º de seus estatutos, explicitava-se como se efetivariam os trabalhos editoriais da Sociedade:

A Sociedade tem por fim publicar em forma de folhetinhos de folhas ou 4 paginas de 14 por 20 afim de facilitar a encadernação, todo e qualquer livro que fôr traduzido para o portuguez e sirva para a edificação dos fieis de qualquer “Egreja Evangelica” [...]. Publicará também tractados e outras obras particulares que tendam á instrucção ou dellas os leitores possam tirar bom resultado⁵¹.

Trata-se de mais uma das iniciativas concatenadas para promover a produção e difusão das publicações, visando, por seus resultados, ultrapassar os limites de uma única denominação, uma vez que se propunha a prover impressos aos *fieis de qualquer “Egreja Evangelica”*. A STE, para maior adesão aos seus propósitos de difusão de impressos protestantes, fez o seguinte apelo por meio de um jornal confessional:

É nosso desejo tornar esta sociedade conhecida de todos os crentes no Nosso Senhor Jesus e para isso enviaremos copias do regulamento com as presentes considerações a todos os jornaes evangelicos para nos auxiliarem, publicando-as [...]. Si “O Estandarte”, “O Norte Evengélico”, “A Imprensa Evengélica”, “O Expositor Christão”, a “Revista das Missões Nacionais” e outros puderem vir em nosso apoio, transcrevendo na sua integra o quanto antes, do “Puritano”, prestar nos-ão um grande auxilio⁵².

Os organizadores desta iniciativa apostavam no conjunto da imprensa presbiteriana como meio de divulgação, dirigindo-se às folhas em circulação. Note-se que o referido regulamento fora estampado primeiramente no *Puritano*, e já o encontramos reproduzidos no *Norte Evangélico*, o que indica que o chamado à cooperação entre os editores desta denominação foi atendido. Dos periódicos citados, todos são presbiterianos, exceto o *Expositor Cristão*, da denominação metodista, porém, os organizadores da STE dirigiam-se a *todos os jornaes evangelicos*. Assim, este esforço de sistematização do trabalho de produção e circulação dos impressos, pretendia congregiar outros segmentos da imprensa protestante em torno de um projeto editorial mais amplo.

Sentido semelhante presidiu a fundação do Centro Brasileiro de Publicidade (CBP). Tal instituição interdenominacional tomou a iniciativa, em 1921, de sistematizar o registro das publicações protestantes no Brasil, solicitando:

[...] a todos os cultores e editores evangelicos um exemplar de todas as

publicações que fizerem, quer em volume, quer em avulsos, quer em periodicos. Poder se á ter assim uma fonte segura e completa de informações de todo o movimento literário christão no Brazil. Outro serviço que o Centro poderá prestar, [...], é o de evitar a duplicação de esforços quando em um meio de recursos tão escassos duas ou mais pessoas trabalham na mesma linha [...]⁵³.

Este esforço de organização do trabalho editorial protestante àquela altura denota o quanto o mesmo deveu-se às iniciativas particulares de diversos grupos e indivíduos, não passando, necessariamente, pelo crivo das casas publicadoras confessionais. O apelo acima teve repercussão entre os protestantes, uma vez que, passado pouco mais de um ano, o Centro havia recebido 19 títulos distintos de periódicos e 29 títulos de publicações diversas⁵⁴.

Com efeito, o CBP pôs em prática aquilo a que se propunha pouco tempo após a sua fundação. Em 1923, anunciava que, propondo-se a ser *o orgam da cooperação para promover os interesses conjuntos da literatura religiosa evangelica*, havia distribuído vários opúsculos a 482 ministros evangélicos (ou seja, pastores), dos quais o Centro dispunha dos endereços em seus arquivos. Afirmavam, ainda, na mesma ocasião, que seriam *publicados e distribuídos outros*. Segundo informavam, os impressos versavam sobre temas diversos, destacando-se *os nossos grandes problemas nacionaes*, nos quais incluíam *o combate ás doenças, ao analphabetismo, ao vicio; a catechese dos indios; a liberdade religiosa*⁵⁵.

Tais iniciativas, que se deram após várias décadas de produção e distribuição de impressos protestantes no Brasil, denotam o caráter fragmentado que as atividades das denominações apresentaram neste campo até então. A criação do CBP, da SEC e da STE indica a percepção por seus responsáveis da maior possibilidade que um trabalho unificado tinha de ampliar o alcance e efeitos dos impressos protestantes. Por outro lado, estas instituições apontam para a atuação dos membros brasileiros das igrejas protestantes com vistas a garantir, de forma regular e sistemática, os recursos necessários à publicação de impressos, sem a dependência dos recursos das organizações missionárias estrangeiras.

Diante dos limites do público leitor e, também, dos recursos disponibilizados pelas juntas estrangeiras, um dos métodos empregados para manutenção dos periódicos eram as assinaturas. Neste sentido atuaram os editores do jornal presbiteriano *O Puritano*. Esperavam contar com subscritores entre os convertidos, *procurando fazer que cada familia [crente] seja assignante do Puritano*⁵⁶. Com este intuito, foram

distribuídos aos pastores talões de recibos para estes conseguirem novas assinaturas. Uma outra forma de arrecadar fundos por meio da atividade editorial consistia em oferecer ao público em geral, por meio das tipografias protestantes, serviços tipográficos, como os cartões de visita.

Para conseguir se manterem economicamente, os periódicos protestantes lançavam mão de uma estratégia presente, também, na imprensa secular: o anúncio. Encontramos no jornal presbiteriano *Norte Evangélico* os seguintes anúncios: *Grande Armazém das Dez Portas, a Clínica Cirúrgica e Protética Dentária do cirurgião dentista – Benigno de Barros, a Bella Aurora, o Peitoral da Caboátan e Gayacol, a máquina falante Zon-o-phone, a Caixa Mutua de Pensões Vitalícias, o Café Suíço*, além de alguns anúncios sobre os colégios protestantes. Porém, esses não apareciam com frequência, o que nos leva a supor que os anúncios de instituições protestantes não foram, até então, parte significativa da renda dos jornais. Por outro lado, os anúncios de empresas comerciais e de produtos eram esparsos, aparecendo irregularmente, e, ao longo do tempo, foram se tornando mais raros. Neste aspecto, a imprensa protestante enfrentava uma dificuldade inerente ao fato de dirigir-se a objetivos bastantes específicos, assim como se deu com a imprensa operária, na qual a publicidade comercial era praticamente ausente⁵⁷.

As vendas avulsas, as assinaturas e os anúncios, no entanto, também apresentavam dificuldades para a manutenção das publicações dos impressos e periódicos. Apesar do valor dito irrisório das assinaturas, muitas vezes elas não eram pagas, como pode ser percebido pelo grande número de anúncios pedindo para que os assinantes cumprissem o seu compromisso de saldar os pagamentos atrasados. A insolvência dos assinantes destaca-se no pedido dos editores do *Imprensa Evangélica*, que solicitavam *aos assignantes que ainda estejam em debito por este anno, que mandem satisfazer a importancia de suas assignaturas o mais breve possivel*⁵⁸; e ainda na ameaça de cancelamento da entrega do periódico o *Puritano*, que anunciava que *de junho em diante, esse órgão official de propaganda evangelica deixará de ser remetido ás pessoas que não reformarem suas assignaturas*⁵⁹. No jornal o *Norte Evangélico*, também encontramos dezenas de apelos feitos para que os assinantes saldassem suas dívidas, que as vezes chegavam ao equivalente a dois anos de assinaturas.

A escassez dos anúncios, que, portanto, devem ter rendido pouco, os baixos valores das assinaturas e a inadimplência dos assinantes levavam os jornais a passarem

por dificuldades financeiras, tornando difícil a manutenção e circulação desses órgãos de propaganda. Um outro segmento da pequena imprensa, *a negra*, enfrentava as mesmas dificuldades que a imprensa protestante. Lançando mão de formas variadas de angariar recursos, os editores de periódicos voltados à população negra de São Paulo viam-se às voltas com a insuficiência das assinaturas, a inadimplência dos assinantes e o pequeno número de anunciantes, dificultando a sobrevivências das folhas deste segmento⁶⁰.

Para tentar superar a irregularidade e a carência de recursos para a publicação de um de seus jornais, foi decidido entre os presbiterianos que

Tratando-se das finanças do Norte Evangelico, foi resolvido que as Escolas Dominicaes deste Presbyterio levantem durante o anno, duas colletas especiaes para auxiliarem “O Norte Evangélico”, contanto que não seja augmentado o preço da assignatura. No mesmo sentido foi ainda resolvido que o Secretario Permanente escrevessem ás sociedades de senhoras pedindo que ellas levantem uma quantia especial, em cada anno, em beneficio do nosso orgam de propaganda⁶¹.

Esta resolução não foi aplicada apenas pela denominação acima citada, pois quando da junção dos antigos jornais batistas do Brasil para a publicação do denominado *O Jornal Batista*, os missionários decidiram pedir a contribuição mensal das igrejas desta denominação espalhadas pelo país⁶². Ainda em 1894, os metodistas, na tentativa de montarem sua tipografia para a publicação do *Expositor*, jornal da denominação, que até então era publicado em gráficas particulares, pedem que *tôdas as igrejas fizessem esforços especiais durante o ano para aumentar o número de assinantes, tendo como alvo 2.500 assinaturas*⁶³. Além disso, foi pedido que *cada congregação metodista levantasse uma coleta especial para a mesma*⁶⁴.

Estas contribuições tornaram-se comuns, podendo ser feitas individualmente pelos convertidos ou coletivamente em campanhas elaboradas pelas igrejas. Reproduzimos abaixo um rol de contribuintes, de 1911, que doaram recursos à edição do *Norte Evangélico*, indicando o nome do doador, a localidade de residência e a quantia doada:

Do Sr. Chenaud, Rio Vermelho [Bahia], 4\$000.
Do Sr. José Leonardo Meneses, Santa Rosa, Sergipe, 4\$000.
Do Sr. Alfredo Figueiredo Seda, Senna Madureira, Acre, 5\$000.
Do Sr. José Pinheiro de Abreu, Senna Madureira, Acre, 4\$000.
Do Sr. Antonio Firmino da Silva, Senna Madureira, Acre, 4\$000.

Do Sr. Pedro Pinheiro de Abreu, Senna Madureira, Acre, 5\$000.
Do Sr. Cândido Pinheiro de Abreu, Arara, Serraria, Paraíba, 5\$000.⁶⁵

É possível que a reprodução no *Norte Evangélico* destas doações fosse uma forma de animar ou despertar outros contribuintes para a manutenção da produção dos impressos protestantes, além de valorizar a iniciativa dos que já haviam contribuído. Os editores do jornal *A Liberdade*, destinado *aos homens de cor*, encontraram no humor uma forma de estimular os assinantes que não pagavam, publicando os seus nomes e afirmando terem sido *sepultados*⁶⁶, no que parece um contraponto à estratégia acima apontada.

No ano de 1920, a igreja presbiteriana de Fortaleza arrecadou 46\$800 em prol do *Norte Evangélico*, jornal desta denominação. Por outro lado, em Quixadá, também cidade do Ceará, além das assinaturas, três membros da igreja local doaram mais 2\$000. José Rezendo e Leonílda Montenegro pagaram o valor correspondente a um ano de assinatura e César de Queiroz pagou o equivalente a dois anos de assinatura, ou seja, o valor de 6\$000⁶⁷.

Nesse mesmo ano e no mesmo estado, desta vez na igreja de Pedraguda, foi doado por M. Medeiros o valor de 3\$000 para o *Norte Evangélico*, além da quantia de 6\$000, referente às assinaturas dos anos de 1919 e 1920, por Manoel Pinto de Almeida⁶⁸. As doações das igrejas no Ceará continuavam em favor do *Norte Evangélico*: um certo Raymundo N. de Souza doou 6\$000; já João Evangelista contribuiu com 3\$000, enquanto Ezequiel Ferreira Lima com 3\$000⁶⁹. Apesar da relevância que é atribuída a estas doações nos textos e testemunhos da época, pode-se dizer que os valores doados (ou as assinaturas antecipadas), embora indiquem que os apelos por contribuições fossem atendidos, eram modestos, tendo-se que apelar a outras formas de custeio dos periódicos.

A Assembléia do concílio nacional realizado pelas igrejas presbiterianas no ano de 1917 votou [...] *a arrecadação de um mil réis anualmente correspondente a cada membro de nossas igrejas, para [...], publicação da revista [...]*⁷⁰. Tal iniciativa corrobora o esforço dos nacionais — ou seja, os pastores brasileiros — em prover por si mesmos o custeio da editoração protestante.

Apelava-se, também, à recolha antecipada de assinaturas para subsidiar a publicação de determinados livros. O argumento utilizado para convencer aos subscritores em potencial da obra *O Livro da Ordem da Igreja Presbiteriana* explicava

que *ao sair do prelo será o livro distribuído aos assignantes, e o resto da edição será vendida com grande augmento de preço*⁷¹. A mesma estratégia, de angariar assinaturas para livros a serem publicados, foi adotada para subsidiar a publicação das *Conferências Religiosas* de A. A. Lino da Costa, a ser impresso *em papel assetinado*, sendo de 1\$500 o preço da *assignatura da publicação da primeira série*, que constituía, segundo o anúncio, *preço de ocasião. Provavelmente custarão mais depois de saírem do prelo os volumes*⁷². Percebe-se, portanto, a distinção de preços, para momentos diferentes de compra, sendo utilizada como forma de incentivar a aquisição do livro.

A subscrição, os preços promocionais, a variedade de acabamentos, todas estas estratégias de divulgação eram utilizadas no mercado editorial em geral. A imprensa protestante, neste aspecto, aproximava-se da imprensa secular de sua época.

Se no início, como foi comentado anteriormente, o investimento financeiro na imprensa partiu das sociedades bíblicas e das juntas que enviaram os missionários norte-americanos, ao longo dos anos este investimento passa também a contar com dinheiro nacional, quando se verifica o crescimento e a consolidação das denominações no país. Como podemos ver na busca por novas assinaturas, nos insistentes apelos para que os assinantes pagassem por suas assinaturas atrasadas e pelas campanhas nas igrejas para arrecadação de dinheiro para a manutenção dos jornais protestantes, além do investimento pessoal de alguns membros das confissões protestantes no Brasil.

Não obstante as iniciativas de protestantes brasileiros para organizar e financiar o trabalho de proselitismo no país, tal como mencionado acima, até o final do período que abordamos, continuam a existir organizações protestantes estrangeiras criadas para a missão e editoração protestante no Brasil. Em fins do século XIX, ao trabalho das Sociedades Bíblicas soma-se o de outras instituições com fins semelhantes, como a Sociedade Missionária de Auxílio ao Brasil (ou *Help for Brazil*, 1892), que foi organizada em Londres pela viúva de Robert Kalley, Sarah, e por James Fanstone (auxiliar de Kalley no Brasil). A Sociedade Missionária, de Sarah Kalley e Fanstone, agregou-se à União Evangélica Sul-Americana, instituição surgida em Edimburgo, em 1911, da fusão da Missão Evangélica Sul-Americana – fundada em Toronto em 1895, seu trabalho no Brasil começou em 1898, após sua sede ter sido mudada para Londres – com a União Missionária das Regiões Distantes⁷³. Embora não dispondo de mais informações, sabemos que no início dos anos 1920 estava em atividade, com sede em Maceió, a Agência de Literatura Cristã, mantida por esta mesma União Evangélica Sul-

Americana⁷⁴. Portanto, no início do século XX, coexistiam os esforços de nacionais e de estrangeiros no propósito de difundir o protestantismo no Brasil, tendo todos a iniciativa de publicarem e distribuírem impressos protestantes.

1.2. Um circuito de língua portuguesa.

De forma a ter uma perspectiva abrangente da imprensa protestante no Brasil, convém estabelecer outros pontos do *percurso das edições*⁷⁵, ou seja, as etapas percorridas pelo objeto impresso, desde sua concepção⁷⁶. Cabe, então, agora que acabamos de apresentar os centros editoriais, investigar o roteiro de difusão dos impressos que estes punham em circulação. Ao ampliarmos a análise para a circulação desta literatura confessional, percebemos que se torna muito mais extensa, abrangendo várias regiões de língua portuguesa.

Pode-se dizer que, nas primeiras décadas da distribuição de impressos protestantes no país, o Brasil estava inserido num circuito mais amplo de difusão desta imprensa. Desde os primórdios da publicação e distribuição em português pelas Sociedades Bíblicas, em 1819, que não apenas o Brasil, mas Portugal e suas colônias na Ásia e África receberam as mesmas edições⁷⁷. Temos evidência desta amplitude de circulação pelas indicações em alguns dos folhetos de que os depósitos de literatura protestante localizavam-se nas seguintes cidades: *Depósitos em Portugal – Lisboa, Porto, Funchal, Ponta Delgada. África: S. Vicente de Cabo Verde, G.H. Agnew – Inhambane* [Moçambique]. *Brazil – Rio de Janeiro*⁷⁸. A circulação dos impressos protestantes entre as áreas lusófonas permanece ainda no início do século XX, como se pode atestar pelo folheto *O cura e o protestante*, que em 1903 atingia a sua terceira edição, sendo encontrado nas livrarias evangélicas de Lisboa, Porto, Ponta Delgada e S. Vicente de Cabo Verde⁷⁹.

Igualmente, pode-se perceber por outros indícios a circulação dos mesmos textos protestantes a um só tempo no Brasil e em outros países. O livro *O Peregrino ou A Viagem do Cristão*, que Robert Kalley traduziu para o português e fez imprimir, foi editado por este missionário no Brasil, mas também seguiram cem exemplares para Illinois, onde havia uma comunidade de madeirenses, à qual todos os exemplares foram vendidos. Parte dos madeirenses auto-exilados estabeleceu-se em Trinidad e Tobago, tendo também eles recebido cópias do referido livro. Esta mesma comunidade recebeu

uma coleção em português de *Salmos e Hinos*, da qual o reverendo da comunidade, John Law, mandou fazer cópias e distribuir entre os membros. A edição de *Salmos e Hinos* organizada por Robert Kalley no Rio de Janeiro, em 1861, foi publicada, também, em Portugal, Illinois e Trinidad e Tobago, para uso das congregações protestantes⁸⁰.

Similarmente, as obras de um ex-padre convertido ao protestantismo, Vitor Coelho de Almeida, além de serem *publicadas e espalhadas por todo o Brasil*, circularam em Portugal⁸¹. Outro exemplo desta circulação transnacional encontra-se com *O Século*, jornal fundado em Natal em 1895, que chegou a ter assinantes em Portugal⁸².

Outro título a ter circulação para além das fronteiras do Brasil foi o de Sarah Kalley, esposa do missionário Robert Kalley. Segundo Cardoso, o livro de Sarah, *A alegria da casa*, teve sua circulação ampliada para outras áreas como Trinidad & Tobago, Illinois (Springfield e Jacksonville) e Portugal (Ilha da Madeira e Lisboa)⁸³.

Tais títulos eram utilizados, como acima se disse, por comunidades protestantes de países e territórios lusófonos e não-lusófonos (Trinidad e Tobago; EUA). O já referido *Salmos e Hinos* teve tiragem de 500 cópias em Illinois, a cargo do missionário José Joaquim Silvestre (brasileiro, amigo de Kalley), que tencionava distribuí-las às congregações de Springfield e Jacksonville⁸⁴.

Quando se planejava a ação proselitista para o Brasil por meio dos impressos, pensava-se ao mesmo tempo em Portugal. Assim delineou o missionário britânico R. Holden, que, atuando no Brasil, esperava que a Sociedade de Tratados Religiosos de Londres *se convencesse ainda da necessidade de empregar um ou dois homens no Brasil e de publicar folhetos e livrinhos, para serem vendidos no Brasil e em Portugal*⁸⁵. Por estas mesmas razões, a SBA remeteu de Nova York, entre 1842 e 1853, cerca de 9.500 Escrituras (a Bíblia ou o Novo Testamento) em português, enviados a outros portos dos Estados Unidos, aos Açores e à Madeira⁸⁶.

Deve-se esclarecer que essa circulação dos referidos textos protestantes em língua portuguesa entre vários países deve-se, em parte, ao fato de que muitas famílias de madeirenses convertidos ao protestantismo decidiram abandonar a Madeira, assim como Robert Kalley, devido aos conflitos violentos com os católicos da ilha, entre 1846 e 1848. Estes madeirenses distribuíram-se pelo Atlântico, formando comunidades nos EUA, Portugal, Brasil e Trinidad e Tobago, o que propiciou os laços entre os mesmos,

como dito há pouco. Compreende-se, assim, que pelos laços pessoais e pela partilha do mesmo idioma, teciam-se ligações entre os protestantes e missionários estabelecidos no Brasil e os de outras partes.

A presença dos protestantes madeirenses em Portugal, todavia, não é a única razão da atividade editorial e da circulação dos impressos protestantes naquele país. Na verdade, várias iniciativas de missionação no país buscavam a conversão da população portuguesa, tais como a das Sociedades Bíblicas, das juntas de denominações estrangeiras (as mesmas que enviaram missionários ao Brasil) e, inclusive, num segundo momento, a missionação partiu dos próprios protestantes do Brasil.

O papel das instituições protestantes brasileiras como difusoras da fé reformada em Portugal e a circulação no Brasil de textos editados naquele país demonstram que havia um circuito de mão dupla entre as duas nações, no que se refere ao proselitismo e o uso da editoração como meio de propagação do protestantismo. Além disso, há indícios de que as trocas recíprocas também se deram no campo da colportagem, pois foi solicitado a Kalley, desde a Escócia, que encontrasse no Brasil *trabalhadores de boa capacidade*, para atuarem como colportores em Portugal⁸⁷. Este circuito estabelecido desde fins do século XIX ramificava-se para outras áreas lusófonas do Atlântico, como ficou demonstrado acima.

1.3. Estratégias de distribuição.

Os missionários e seus colaboradores lançaram mão de várias formas de por em circulação as suas publicações, com o intuito de fazer chegarem as suas doutrinas ao máximo de pessoas. A atividade de distribuição das Escrituras e de impressos protestantes era considerada parte fundamental dos esforços de seu proselitismo no país.

Para tanto, os protestantes criaram uma rede de depósitos e livrarias para o desenvolvimento de suas atividades editoriais. Os pioneiros foram os depósitos de Bíblias estabelecidos pela Sociedade Bíblica Americana (SBA) e outro pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), ambos na cidade do Rio de Janeiro, respectivamente em 1854 e 1856⁸⁸. Em princípios da década de setenta do mesmo século, havia um *Deposito das Escripturas Sagradas* localizado na Rua Sete de Setembro, n.º. 69, no Rio de Janeiro⁸⁹. Por sua vez, em São Paulo, à Rua Direita, o estabelecimento mercantil do comerciante William D. Pitt também serviu de depósito

para Bíblias e livros religiosos⁹⁰.

Ao contrário dos depósitos, as livrarias eram estabelecimentos melhor estruturados para a difusão dos impressos protestantes. Embora fosse uma empresa comercial laica, a livraria Laemmert, também no Rio de Janeiro, possuía em seus estoques livros protestantes, o mesmo se dando na Casa Garraux⁹¹, localizada em São Paulo, que vendia livros e tratados protestantes, além dos números do *Imprensa Evangélica*⁹². A Casa Garraux gozou da reputação de melhor livraria e papelaria do Brasil desde os anos 1880, sendo o seu proprietário um importante livreiro⁹³. Os impressos protestantes poderiam ser adquiridos, também, em *quase todas as livrarias do Recife*, bem como, em Maceió, na Livraria Santos⁹⁴.

Paralelamente à utilização dos serviços de livrarias seculares, foi criada uma confessional pelos protestantes. Em 1872, a Livraria Evangélica já estava em funcionamento, localizada na Travessa da Barreira, n. 11, Rio de Janeiro⁹⁵. Uma outra, a *Livraria Evangélica da Igreja Presbiteriana*, funcionava na capital da Bahia, na primeira década do século XX. De maior relevância, porém, foi a fundação da *Livraria Liberdade*, também no Rio de Janeiro, que abriu suas portas em 1923. De acordo com o anúncio que colocaram no *Norte Evangélico*, vendiam

grande variedade sobre obras evangélicas, literatura, estudos, consultas, pedagogia religiosa, hinos com ou sem música, folhetos diversos, folhetos de propaganda, artigos para escolas dominicais, edições de livros, folhetos e revistas, etc.⁹⁶

Os redatores do periódico no qual o anúncio foi veiculado assim saldaram a inauguração da Livraria Liberdade:

Faz se mister confessar que de ha muito nos ressentiamos da falta de uma livraria desse genero, isto é, exclusivamente evangelica, capaz de fornecer aos crentes evangelicos e a todos que se interessam por uma sã literatura, livros de literatura evangelica, de estudos, de pedagogia religiosa e que tais.⁹⁷

A Livraria Liberdade, no ano de 1923, como forma de divulgação, enviou um catálogo aos possíveis leitores, no qual não apenas ofereciam as obras vendidas pela livraria, mas facultava o sistema de prestações como forma de pagamento.

A criação de depósitos ou de livrarias que facilitassem a comercialização e distribuição dos títulos protestante não foi, todavia, suficiente para garantir a circulação das edições destas confissões. Para lograr a distribuição em âmbito nacional dos textos

confessionais que publicavam, outra estratégia utilizada pelos editores protestantes foi lançar mão da atuação de seus pregadores espalhados por várias capitais do país. Segundo um anúncio num dos jornais confessionais, em princípios da década de 1870, havia *depósitos* em

Lorena [SP] — Casa do Sr. Manoel José Carneiro. Largo Imperial.
Sorocaba [SP] — Casa do Sr. José Antonio de Souza Bertholdo, Pátio de São Bento.
Pará — Livraria dos Srs. Carlos Seidl e Comp., rua Formosa.
Campinas — Casa do Sr. G. B. Northrup, n. 72, rua de Baixo.
Brotas, em casa do Rev. Sr. R. Lenington; São Paulo, em casa do Rev. Sr. G.W. Chamberlain. — Em Iguape, em casa do Sr. Joaquim José de Oliveira. Taubaté, em casa do Sr. Julio César Ribeiro⁹⁸.

No início do século seguinte, são anunciados depósitos em várias partes do país:

Pará, pode ser encontrado em casa do rev. Antonio Gueiros; em S. Luiz do Maranhão, em casa do rev. Belmiro de A. César; em Fortaleza, em casa do rev. A. Almeida; na capital da Parayba, em casa do rev. Motta Sobrinho; no Rio de Janeiro, em casa do rev. Álvaro Reis.⁹⁹

Vê-se que a maior parte dos endereços indicados como depósitos era residência de membros das denominações nas respectivas cidades, o que denota a frágil estrutura inicial da rede de distribuição editorial, tornando imprescindível a atuação pessoal de membros das igrejas protestantes pelo Brasil.

As dificuldades com a distribuição não devem ter sido, porém, um problema apenas dos editores protestantes, uma vez que o próprio Monteiro Lobato, na década de 1910, deparou-se com a escassez de pontos-de-venda como o maior obstáculo à comercialização de seus livros no Brasil. Assim, além das livrarias e da rede de distribuição da *Revista do Brasil*, Lobato utilizou-se de diversos estabelecimentos comerciais pelo Brasil (farmácias, armazéns, bancas de jornal, papelarias) para a distribuição dos 3.000 exemplares da primeira edição de Urupês¹⁰⁰.

Além do recurso aos depósitos, às livrarias comerciais e à criação de livrarias próprias, empregaram também alguns indivíduos que ficavam encarregados diretamente da distribuição de periódicos protestantes. O *Imprensa Evangélica*, jornal anteriormente citado, embora distribuído pela Laemmert e pela Garraux, teve sua distribuição inicialmente atribuída a Quinta, um membro da Igreja do Rio¹⁰¹, suprimindo, provavelmente, os leitores que não pudessem dirigir-se àquelas livrarias. O que não

deixa de evidenciar uma organização ainda precária, já que a importante função de distribuição ficava a cargo de uma única pessoa. Certamente esta precariedade observou-se com mais frequência no período inicial do trabalho editorial protestante, dado que o jornal em questão passou a ser publicado ainda em meados do século XIX, mas ainda não havia sido sanado no século seguinte.

Em outros momentos, os editores lançavam mão de agentes (membros de denominações protestantes) em cidades diversas para representarem-nos, no sentido de armazenar em suas casas as publicações que lhes eram enviadas e, muitas vezes, estavam encarregados de distribuí-las, além de angariar assinantes de suas publicações periódicas. Em Canhotinho (PE), um Sr. José Leitão de Almeida foi instituído agente das publicações *Norte Evangélico* e do *Expositor* em 1921. O mesmo foi feito do Sr. Elpídio Ribeiro para a cidade do Recife, naquele mesmo ano¹⁰².

A fragilidade deste esquema pode ser inferida para os casos em que os encarregados da distribuição e obtenção de assinaturas interrompiam, por alguma razão, suas atividades, acarretando dificuldades no conjunto da distribuição. Pode-se observar um destes casos quando do falecimento do Sr. Camillo José Cardoso, *que desde o primeiro anno da Imprensa Evangélica serviu de agente d'ella nesta cidade* [Rio de Janeiro]. Os redatores do periódico reconheciam que *em consequencia da morte repentina de nosso agente e guarda-livros, poderá haver alguma irregularidade ou falta na remessa deste número*¹⁰³.

A centralização em uma única pessoa das correspondências de uma congregação no Ceará também gerou problemas semelhantes. Os jornais que deveriam ser enviados à igreja presbiteriana daquele estado estavam sendo enviados pelos correios ao reverendo B. Donnantuoni, que havia mudado para o Maranhão e informado aos correios que enviassem a correspondência em seu nome para o novo endereço. Por este motivo, o missionário Cortez informava em 1916 que *só agora nos chegaram os últimos jornais do ano passado e os primeiros deste*¹⁰⁴. O missionário não diz, mas é provável que o rev. Donnantuoni estivesse anteriormente encarregado de receber toda a correspondência da igreja e dos membros da mesma para sua distribuição, não tomando as devidas providências quando se mudou do estado, o que afetou a entrega dos jornais.

As limitações na distribuição de periódicos não eram, todavia, exclusividade da imprensa protestante. Segundo Juarez Bahia, mesmo para os jornais da imprensa secular durante o século XIX era

desconfortável, mesmo para um jornal oficial, chegar pontualmente às mãos dos leitores. A ênfase que se dá à assinatura e à venda avulsa em ponto fixo – primeiro, nas livrarias e, por volta de 1840, também nas lojas de costume- demonstra a inexistência de outras formas de distribuição¹⁰⁵.

As dificuldades em entregar os jornais, ainda segundo o autor, *aos leitores, sobretudo aos residentes fora das cidades onde são impressos, perduraram até 1870, apesar de atenuadas a partir de 1844, quando os serviços de correio passam a entregar correspondência a domicílio*¹⁰⁶. Apesar de referirem-se a um período posterior, já em princípio do século seguinte, as dificuldades para imprensa protestante continuavam as mesmas que as referidas pelo autor acima. A respeito da má distribuição dos jornais presbiterianos, o reverendo Natanael Cortez, que se encontrava em Fortaleza, informava em janeiro de 1916 que

até o dia de hoje não nos chegou o “Expositor” de dezembro, como também nem um exemplar do O Norte Evangélico deste ano! Será relaxamento do Correio, ou será dos expedidores dos jornais em Garanhuns. Estamos pela segunda hipótese. É crônico e parece quase irremediável este mal. Não sabem os empregados da nossa Redação em Garanhuns o prejuízo que o seu desleixo traz a todo o trabalho... Aqui temos lutado com dificuldade para angariar as assinaturas recomendadas pelo Presbitério, por isso que somos flagelados, e o fato de nos não haver chegado a tempo o 1º. Número do “Norte” mais nos embaraçou, porque além da crise apareceu a ... má vontade¹⁰⁷.

O mesmo problema acometia aos batistas, que publicaram suas lições para a Escola Dominical nas páginas d’*O Jornal Batista*, esperando que, assim, alcançassem as igrejas. A precariedade dos Correios, no entanto, malogrou tais planos¹⁰⁸.

As dificuldades pertinentes à distribuição de impressos e dos periódicos aparecem nas ressalvas a um projeto de unificação da imprensa periódica presbiteriana, proposto no Rio de Janeiro, em 1913, que pretendia suprimir a publicação de dois dos três jornais da denominação, concentrando os recursos e atividades no jornal remanescente. Assim justificava a idéia o autor do projeto:

Tres importantes periodicos procuram actualmente satisfazer taes necessidades [da igreja presbiteriana], nenhum delles, porém, conseguindo corresponder senão a *parte* das necessidades de uma *limitada região*. O Norte Evangelico, por exemplo, exerce sua influencia pouco além dos limites do Presbyterio de Pernambuco [...].

O Puritano tem conseguido alargar sua circulação e estender sua influencia a quasi todo o Brazil, mas a promiscuidade de assumtos que nelle são discutidos diminue o seu valor como um *orgam de propaganda*. A *Imprensa Evangelica* tem uma esphera de acção ainda mais limitada que a dos dois organs referidos.

[...]

Porque não pôr termo a esse erro que tem por formula *o maximo de energia com o minimo de resultado?*

Porque não distribuir mais racionalmente as nossas forças para economia de tempo, energia e dinheiro e para maior resultado?¹⁰⁹

A percepção das dificuldades em distribuir os impressos e periódicos protestantes fez outro membro da igreja presbiteriana manifestar-se contra a possibilidade de suspensão da publicação do *Norte Evangélico* (editado em Pernambuco) em favor d'*O Puritano* (publicado em Rio de Janeiro). Argumentou que, sendo o *Brasil enorme, não seria acertado o desaparecimento do Norte* [Evangélico], pois isso tornaria *a nossa correspondencia um pouco mais demorada por causa da distancia que nos separa*. Julgava o autor, então, que melhor seria manter *um arauto no Norte e outro arauto no Sul*, ou seja, que ambos os periódicos continuassem a ser editados, sob pena de uma parte dos convertidos do país ser menos atendida pela circulação de um único periódico presbiteriano editado no centro-sul¹¹⁰.

Na tentativa de melhorar a sua circulação, superando a dependência do trabalho de um único indivíduo, como se viu que ocorria, *A Revista das Missões Nacionais*, órgão oficial da igreja presbiteriana no Brasil, modificou sua forma de distribuição no ano de 1920. A idéia era enviar os exemplares diretamente aos leitores:

Até agora a remessa tem sido feita em pacotes endereçados a alguma pessoa de cada egreja, que se encarrega de fazer a entrega aos diversos crentes. É fácil de perceber-se que esse processo não é muito recomendado. Sabemos de muitos casos em que as pessoas encarregadas da distribuição esquecem-se de faze-la e ficam os crentes sem as informações que necessariamente devem receber pelo orgam official da Egreja. [...]. Querendo sanar essas inconveniencias, em parte oriundas do processo pelo qual se tem feito a remessa do orgao official, enviaremos, logo que for possível, directamente aos leitores da Revista.¹¹¹

Pouco depois, os redatores confirmavam o recebimento de *listas com os nomes das pessoas a quem devemos enviar a <<Revista>>* e prometiam fazê-lo em breve. Queixavam-se os redatores que a distribuição da revista oficial presbiteriana *tem sido muito mal feita*. Sendo os custos de sua publicação considerados altos, os responsáveis

julgavam que não convinha *gastar dinheiro [...] em uma tiragem grande, sem atingir os resultados que ela tem em vista [...]*, isto é, atingir todos os leitores presbiterianos¹¹². Os editores demonstravam, assim, a necessidade de disciplinar o processo de disseminação de suas publicações.

Apesar das dificuldades encontradas no processo de distribuição, a circulação dos almanaques permite-nos vislumbrar o alcance geográfico que tais publicações proporcionavam a essa editoração. O *Almanach Evangélico Brasileiro*, fundado em São Paulo em fins de 1921, pouco mais de um ano depois revelava uma difusão de caráter nacional. Este veículo promoveu alguns concursos em suas páginas, dos quais os leitores participavam por correspondência. Em setembro de 1922, anunciaram os nomes dos ganhadores e os municípios onde moravam. Os estados contemplados incluíam todas as áreas do Brasil, envolvendo municípios de todos os estados do Sudeste, do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, da Bahia, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Ceará e Maranhão e, ainda, do Amazonas e Pará. Houve até uma ganhadora do Uruguai, da cidade Puerto Rosario¹¹³.

O contato do público com o *Almanach* era promovido de duas formas: os interessados poderiam escrever para os editores solicitando um exemplar (que tinha preços diferenciados para um exemplar e acima de cinco exemplares), endereçando seu pedido à *Rua Dr. Villa Nova, N. 24*, em São Paulo. Ou, por outro lado, os editores aceitavam agentes de *todo o Brasil*, pagando-lhes comissão pela venda da publicação em seus estados¹¹⁴.

Para ampliar o potencial de difusão dos impressos, os editores protestantes tratavam, também, de anunciar a venda de certas publicações que eram produzidas com acabamentos diversos e, portanto, preços diferentes, como Bíblias *grandes e pequenas*, anunciadas em 1913 por, respectivamente, 1\$500 e 5\$000 cada uma; e Novos Testamentos, também classificados entre grandes e pequenos, desde \$300 a 4\$000¹¹⁵. Assim também, no mesmo ano, Bíblias e Novos Testamentos com encadernações em *couro e dourado* (2\$500), *pano* (1\$200) e *papelão* (\$700)¹¹⁶. E, ainda, o anúncio de *Psalmos e Hymnos*, em *encadernação fina* a 8\$000, enquanto a *comum*, de 4\$500 até 1\$500¹¹⁷. Aqui se evidencia a tentativa de atrair consumidores de diversos níveis de renda, oferecendo o mesmo conteúdo encadernado em materiais qualitativamente distintos.

Se o comprador estivesse interessado em adquirir mais de um volume, talvez

para revenda, seria beneficiado, diziam os anúncios, pois, no caso de um *almanaque*, um exemplar custaria 3\$000, mas seis exemplares eram vendidos a 15\$000 (fora a postagem)¹¹⁸, ou, igualmente, os *Psalms e Hymnos* quando adquiridos seis ou mais exemplares davam direito a desconto de 20%. Ofereciam-se, ainda, para distribuição gratuita, o envio de 2 kg de folhetos *sortidos*, para quem enviasse apenas 1\$000 em sellos para porte do *Correio*¹¹⁹. Um ano depois, John Mein, representante da Agencia de Literatura Cristã, pelos mesmos 1\$000 em selos enviava a *qualquer endereço* apenas um kilo de folhetos para propaganda, aduzindo que em um quilo estavam compreendidos cerca de 800 folhetos¹²⁰.

Considerações finais

Ao abordar a produção editorial pelos protestantes voltada ao Brasil no período em questão, tentamos mapear a geografia do circuito dos impressos protestantes, procurando estabelecer os locais de editoração e as áreas de circulação daquelas edições. Quanto aos centros editoriais protestantes, foram apontados os lugares de origem das edições dos impressos. Nos momentos iniciais, quando as publicações protestantes em circulação no Brasil eram ou de iniciativa particular ou das instituições responsáveis pelo envio de missionários para o Brasil, viu-se que o circuito de editoração incluía alguns países, como os EUA, a Grã-Bretanha, Portugal e as regiões lusófonas do Atlântico, inclusive as colônias portuguesas na África.

Da mesma forma, uma vez que a editoração protestante durante a metade posterior do século XIX foi, em sua maioria, de iniciativa de instituições missionárias e de seus representantes, ou seja, de estrangeiros, indagamo-nos se a disseminação e multiplicação dos títulos confessionais pelo Brasil significaram uma progressiva nacionalização dos corpos editoriais. De acordo com as informações pesquisadas e analisadas neste artigo, há elementos que indicam que a editoração protestante tornou-se paulatinamente nacional, ou seja, ao longo das primeiras décadas do século XX, são os brasileiros que aderiram às denominações protestantes que tentam assumir ou tomam a iniciativa de editoração. É possível verificar que as fontes de financiamento, inicialmente de origem estrangeira, também transitam para o sustento pelos recursos das igrejas e das instituições editoriais protestantes estabelecidas no país. No entanto, este processo não se ultimou dentro do período estudado, pois as iniciativas editoriais de

protestantes estrangeiros e brasileiros conviveram durante todas as três décadas finais do período que estudamos.

¹ Doutora pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP

² Embora estejamos iniciando a abordagem pelos centros de produção impressa protestante, Darnton considera que é possível estudar o circuito a partir de qualquer um de seus pontos. Cf. DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. Trad. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 114.

³ DARNTON, Robert. O Iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 196.

⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4a. Edição. Rio de Janeiro; Mauad, 1999, p. 242.

⁵ HALLEWELL. *O Livro no Brasil*. Sua História. 2ª. Ed. Rev. e amp. São Paulo: Edusp, 2005, p. 200-1.

⁶ COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

⁷ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2a. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, vol. II, p. 168.

⁸ OS “IMPOSSÍVEIS” do carácter e do destino. Porto: Typographia a Vapor de José da Silva Mendonça, 1905. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

⁹ O RAPAZ do Realejo ou “minha casa, doce lar”. Lisboa: Typographia de Adolpho, Modesto e Cia, 1883. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

¹⁰ FERREIRA, *op. cit.*, vol. II, p. 169.

¹¹ ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*: Primeira fase: 1855 – 1864. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941, p. 168.

¹² MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 1995, p. 222.

¹³ COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa.

¹⁴ ALENCASTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos imigrantes. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 328.

¹⁵ Publicados pela Sociedade de Tratados Americana. Rua de Nassau, 150, Nova York. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

¹⁶ COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa.

¹⁷ SANTOS, Edwíges Rosa dos. *O Imprensa Evangélica*: diferentes fases do jornal no contexto brasileiro predominantemente católico dos anos 1864-1892. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), PUC-SP, p. 41.

¹⁸ IMPRENSA Evangélica. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1872. Ano VIII, n. 15, p. 120.

¹⁹ MATOS, Josmar Sionti Arrais de. *Memória e História do Trabalho Missionário Adventista no Brasil*. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, p. 45.

²⁰ ROCHA, *op. cit.*, p. 128, nota 1.

²¹ *Ibidem*, p. 237.

²² É provável que a receptividade pelos Laemmert à produção escrita dos protestantes no Brasil deva-se ao fato de que eram filhos de um pastor protestante, responsável por dar-lhes uma rígida educação e encaminhá-los para o ofício de impressores, onde começaram como aprendizes.

²³ HALLEWELL, *op. cit.*, p. 308.

²⁴ *Ibidem*, p. 333.

²⁵ O francês J. Villeneuve foi oficial da marinha imperial do Brasil, mas tornou-se editor ao adquirir, junto com um sócio, também ex-oficial, a editora de Plancher, em 1832. Em 1834, comprou a parte de seu sócio. Era o maior editor do Rio de Janeiro em 1848, tendo sido o primeiro no hemisfério sul a dispor de uma prensa mecânica, depois de uma rotativa e, ainda, a primeira linotipo. Editava o *Jornal do Commercio*, de maior tiragem da Corte. Cf. HALLEWELL, *op. cit.*, p. 148-9.

²⁶ O segundo mais importante jornal do Rio de Janeiro. HALLEWELL, *op. cit.*, p. 149.

²⁷ LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã; Igreja Metodista do Brasil, 1968.

- ²⁸ Apud: LONG, *op. cit.*, p. 159-60.
- ²⁹ Ibidem, p. 160.
- ³⁰ Ibid., p. 160.
- ³¹ BEDA, Ephraim. *Editoração Evangélica no Brasil*. Troncos, expoentes e modelos. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, USP, p. 12.
- ³² CRABTREE, A. R. *História dos Batistas do Brasil*. Vol. I: até 1906. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937, *op. cit.*, p. 188.
- ³³ Apud: Ibidem, *loc. cit.*
- ³⁴ Ibidem, p. 155.
- ³⁵ Ibid., p. 189-90.
- ³⁶ Ibid., p. *loc. cit.*
- ³⁷ FERREIRA, *op. cit.*, 1992, vol. II, p. 309-13, 417.
- ³⁸ RIBEIRO, Boanerges. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: Livraria o semeador, 1995, p. 43.
- ³⁹ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Leitura Rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002, p. 121.
- ⁴⁰ Apud: FERREIRA, *op. cit.*, 1992, vol. II, p. 206.
- ⁴¹ TAYLOR, Z. C. “A Immediata Evangelização do Brasil”. *O Jornal Baptista*, 10 de agosto de 1903. In: ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. *Imprensa protestante na primeira república: evangelismo, informação e produção cultural - O Jornal Batista (1901-1922)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFLCH, 2008. Anexos.
- ⁴² PEREIRA, Eduardo Carlos. *A Língua*. São Paulo: SBTE, 1890. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.
- ⁴³ MIRANDA, J. Zacharias de. *Procrastinação ou o perigo de adiar a salvação*. São Paulo: SBTE, 1886.
- ⁴⁴ MATOS, *op. cit.*, p. 48.
- ⁴⁵ Ibidem.
- ⁴⁶ RIZZO JR., Miguel. “Nosso Objetivo”. *Revista das Missões Nacionais*, Ano 33, N. 280, Março de 1920, p. 1.
- ⁴⁷ REILY, *A História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Aste, 2003, p. 166.
- ⁴⁸ CORTEZ, Natanael. *A Sagrada peleja*. Fortaleza: UFC; Programa Editorial Casa José de Alencar, 2001, p. 25.
- ⁴⁹ Ibid, p. 125.
- ⁵⁰ PLANO de uma “Sociedade Tipographica Evangelica“. Art. 1º. *Norte Evangélico*. Garanhuns: Ano V, N. 39, 3 de outubro de 1913, p. 2.
- ⁵¹ Ibidem, Art. 4º.
- ⁵² PLANO de uma “Sociedade Tipographica Evangelica“. *Norte Evangélico*. Garanhuns: Ano V, N. 39, 3 de outubro de 1913, p. 2.
- ⁵³ BIBLIOGRAPHIA Evangelica. *Norte Evangélico*. Garanhuns, 31 de janeiro de 1921. Ano XIV, n. 03, p. 2.
- ⁵⁴ BIBLIOGRAPHIA Evangelica. *Norte Evangélico*. Garanhuns, 10 de março de 1922. Ano XV, n. 6-7, p. 6.
- ⁵⁵ AS PUBLICAÇÕES da Cooperação. *Norte Evangélico*. Garanhuns, 31 de outubro de 1922. Ano XVI, n. 29, p. 3.
- ⁵⁶ DIAS, Gustavo. “Puritano”. *Revista das Missões Nacionais*. Ano 33, nº 382, p. 3, Maio, 1920.
- ⁵⁷ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil, 1880-1920*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978, p. 106.
- ⁵⁸ IMPRENSA Evangelica. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1871. Ano VII, n. 22, p. 169.
- ⁵⁹ DIAS, Gustavo. “Puritano”. *Revista das Missões Nacionais*. Ano 33, nº 382, p. 3, Maio, 1920.
- ⁶⁰ CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A Imprensa Negra Paulistana entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH, USP, p. 92, 95-6, 118.
- ⁶¹ LIVRO de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 1920, p. 6-7. Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil (SPNB).
- ⁶² CRABTREE, *op. cit.*, p. 189.
- ⁶³ LONG. *Do meu velho baú metodista, op. cit.*, p. 159.
- ⁶⁴ Ibidem.
- ⁶⁵ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano III, N. 43, 21 de dezembro de 1911, p. 1.
- ⁶⁶ CARVALHO, *op. cit.*, p. 96.

- ⁶⁷ CORTEZ, *A Sagrada peleja*, *op. cit.*, p. 180.
- ⁶⁸ *Ibidem*, p. 190.
- ⁶⁹ *Ibid.*, p. 207.
- ⁷⁰ *Ibid.*, p. 116.
- ⁷¹ UM LIVRO raro. *Norte Evangélico*. Garanhuns: Ano XIV, N. 12, 6 de maio de 1921, p. 3.
- ⁷² IMPORTANTE Livro. Conferências Religiosas. *Norte Evangélico*. Garanhuns: Ano V, N. 44, 7 de novembro de 1913, p. 2.
- ⁷³ GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. 1850-1914. São Paulo, Brasiliense, 1973, p. 291-2.
- ⁷⁴ JOHN Mein. *Norte Evangélico*. Garanhuns: Ano XVI, N. 21, 31 de julho de 1923, p. 2.
- ⁷⁵ DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*, *op. cit.*, p. 112.
- ⁷⁶ Darnton entende este circuito desde o autor/editor até alcançar as mãos do leitor; aqui, porém, abstermos de analisar o papel dos leitores. DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775- 1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13, 196 e 210.
- ⁷⁷ GIRALDI, *op. cit.*, p. 33.
- ⁷⁸ AVISO Importante que interessa a todos. S/L: s/n, s/d. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa.
- ⁷⁹ COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.
- ⁸⁰ ROCHA, *op. cit.*, p. 64, 70, 168 e 179.
- ⁸¹ NORTE Evangélico. Garanhuns: 20 de agosto de 1923, Ano XVI, N. 23, p. 3. Seminário Presbiteriano do Norte. SPNB.
- ⁸² BEDA, Ephraim. *Editoração Evangélica no Brasil*. Troncos, expoentes e modelos. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, USP, p. 37.
- ⁸³ CARDOSO, *op. cit.*, p. 17.
- ⁸⁴ ROCHA, *op. cit.*, p. 188.
- ⁸⁵ *Ibid.*, p. 277.
- ⁸⁶ *Ibid.*, p. 21.
- ⁸⁷ ROCHA, *op. cit.*, p. 72, nota 1.
- ⁸⁸ GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 37-8; REILY, Duncan A. *A História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Aste, 2003, p. 78.
- ⁸⁹ IMPRENSA Evangélica. Rio de Janeiro: 20 de abril de 1872, Ano VIII, n. 8, p. 62.
- ⁹⁰ Apud: FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Vol. I. 2a. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 118.
- ⁹¹ Fundada em 1860, no princípio, era uma filial da Garnier do Rio de Janeiro, administrada por Anatole Louis Garraux. Desde 1873 Garraux já se tornara um livreiro autônomo. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua História. 2ª. Ed. Rev. e amp. São Paulo: Edusp, 2005, p. 302.
- ⁹² FERREIRA, *op. cit.*, vol. I, p. 173.
- ⁹³ HALLEWELL, *op. cit.*, p. 302.
- ⁹⁴ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano XV, N. 1, 22 de fevereiro de 1909, p. 4.
- ⁹⁵ IMPRENSA Evangélica. Rio de Janeiro: 20 de abril de 1872, ano VIII, n.15. 120.
- ⁹⁶ NORTE Evangélico. Garanhuns: 28 de fevereiro de 1923, Ano XVI, n. 6, p. 3.
- ⁹⁷ *Ibidem*.
- ⁹⁸ IMPRENSA Evangélica. Rio de Janeiro: 16 de julho de 1870, Ano. VI, n. 15, p. 109.
- ⁹⁹ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano XV, N. 1, 22 de fevereiro de 1909, p. 4.
- ¹⁰⁰ HALLEWELL, *op. cit.*, p. 319-320.
- ¹⁰¹ RIBEIRO, Boanerges. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: Livraria o Semeador, 1995, p. 43.
- ¹⁰² “Nossas publicações”. *Norte Evangélico*, Garanhuns: 10 de dezembro de 1921. Ano XIV, n. 32, p. 3; “Aviso”. *Norte Evangélico*. Garanhuns: 20 de dezembro de 1921, Ano XIV, n. 33, p. 3.
- ¹⁰³ “Necrologia” e “Aviso aos assinantes”. *Imprensa Evangélica*. Rio de Janeiro: 18 de novembro de 1871, Ano VII, n. 22, p. 169.
- ¹⁰⁴ CORTEZ, *A Sagrada Peleja*, *op. cit.*, p. 65.
- ¹⁰⁵ BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira*. 4ª. Edição, rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990, p. 15.
- ¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 15.
- ¹⁰⁷ CORTEZ, *A Sagrada Peleja*, *op. cit.*, p. 57.
- ¹⁰⁸ PLAMPIN, Carolyn Goodman. Educação religião e publicações. In: MEIN, David. (org.). *O que Deus*

tem feito. Rio de Janeiro: JUERP, 1982, p. 184.

¹⁰⁹ GUEIROS, J. “Carta aberta”. *Norte Evangélico*. Garanhuns: 5 de setembro de 1913, Ano V, n. 35, p. 2.

¹¹⁰ PEIXOTO, B. E. “Carta aberta”. *Norte Evangélico*. Garanhuns: 24 de outubro de 1913, Ano V, n. 42, p. 2.

¹¹¹ REVISTA das Missões Nacionais. Ano 33, n. 281. Abril, 1920, p. 8.

¹¹² REVISTA das Missões Nacionais. Ano 33, n. 282. Maio, 1920, p. 7; Ano 33, n. 283, p. 7; Ano 33, n. 284, Julho, 1920, p. 7.

¹¹³ NORTE Evangélico. Garanhuns: 7 de setembro de 1922, Ano XV, n. 24, p. 5.

¹¹⁴ NORTE Evangélico. Garanhuns: 31 de dezembro de 1921, Ano XIV, n. 34, p. 4.

¹¹⁵ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano V, N. 31, 8 de agosto de 1913, p. 2.

¹¹⁶ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano V, N. 37, 19 de setembro de 1913, p. 3.

¹¹⁷ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano XV, N. 4, 10 de fevereiro de 1922, p. 3.

¹¹⁸ NORTE Evangélico. Garanhuns: Ano XIV, N. 34, 31 de dezembro de 1921, p. 4.

¹¹⁹ TRATADOS de graça. *Norte Evangélico*. Garanhuns: Ano XIV, N. 2, 21 de janeiro de 1921, p. 4.

¹²⁰ DR. JOHN Mein. *Norte Evangélico*. Garanhuns: Ano XVI, N. 21, 31 de julho de 1923, p. 2; FOLHETOS. *Norte Evangélico*. Garanhuns: Ano XV, N. 22, 11 de agosto de 1922, p. 3.